

## RECENSÃO DAS APRESENTAÇÕES (PREÂMBULO E INTRODUÇÃO) DA CRÍTICA DOS FUNDAMENTOS DA PSICOLOGIA DE GEORGES POLITZER

REVIEW OF THE PRESENTATIONS (PREAMBLE AND INTRODUCTION) OF THE CRITIQUE OF THE FUNDAMENTALS OF PSYCHOLOGY BY GEORGES POLITZER

Júlio César Miotto<sup>1</sup>

**Resumo:** O texto é uma revisão atual que trabalha a primeira tradução brasileira de *Crítica dos fundamentos da psicologia*, de Georges Politzer, com foco exclusivo nas apresentações (Preâmbulo e Introdução) da obra.

**Palavras-chave:** Fundamentos da psicologia; psicologia; epistemologia da psicologia, epistemologia da psicanálise; psicologia concreta.

**Abstract:** *The text is a current review that works the Brazilian translation of Critique of the Fundamentals of Psychology, by Georges Politzer, with exclusive focus on the presentations (Preamble and Introduction) of the work.*

**Keywords:** *Fundamentals of psychology; Psychology; Epistemology of psychology; Epistemology of psychoanalysis; Concrete psychology.*

---

<sup>1</sup> Possui Graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (2007), e Mestrado em Filosofia (2012) pela Universidade Estadual de Londrina. Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da USP Ribeirão Preto (2022).

É na Crítica dos fundamentos da psicologia que Georges Politzer obtém a forma positiva da psicologia, que serve de base às outras múltiplas considerações de caráter negativo da carreira na psicologia que ele realizou (POLITZER, 1969). Apesar de nesta Crítica o autor ser também basicamente negativo quanto às teses das novas tendências da ciência psicológica, aqui se encontra a pedra fundamental que servirá de critérios dos seus outros desenvolvimentos que se veem nos escritos posteriores.<sup>2</sup> Aqui publicamos somente a nossa leitura do que é enunciado no Preâmbulo e na Introdução da Crítica.

O trabalho na Crítica, como ele diz no Preâmbulo, não é uma exposição dogmática da psicanálise mas uma reflexão a partir de uma perspectiva que supõe da parte do leitor conhecimento da psicanálise e que se desenvolve a partir do que interessa sua perspectiva dela – assim a sexualidade não é um aspecto que se trata muito nessa obra. A exatidão do que é argumentado em relação à psicanálise só pode ser verificável por um esforço de “reflexão pessoal” da parte do leitor assim já munido; Politzer não quer poupar o seu leitor. Ele omite tudo “o que não é posição e desenvolvimento das ideias em si” (POLITZER, 1998, p. 33). Criticar a consideração de fatos psicológicos como coisas é um procedimento contínuo na obra de Politzer; e essa censura reaparece aqui: ele diz brevemente que, logo, não se estenderá sobre o significado desta censura, o que faria compará-la com o critério de Bergson<sup>3</sup>, por exemplo, e com o critério do “concreto” afinal. A palavra tem muitos usos, e Politzer

---

<sup>2</sup> Trabalhamos extensamente na nossa tese de doutorado sobre o caráter negativo de onde surgiram posições positivas. Já na Crítica há essa posição da positividade que nasce da tendência da orientação própria da particular denegação das tendências clássicas: “É com razão que afirmamos que a psicologia concreta representa a verdadeira síntese entre a psicologia objetiva e a psicologia subjetiva. Dá razão àquela que não quis uma psicologia que não fosse objetiva e à outra por ter optado pela conservação do caráter próprio da psicologia, mas condena as duas por terem sacrificado tudo ao que só representa uma das condições de existência da psicologia positiva. Realiza, ao mesmo tempo, o que nenhuma delas pôde fazer: uma psicologia objetiva, ao mesmo tempo que propriamente psicológica” (POLITZER, 1998, p. 188).  
2 Politzer apresenta muitas vezes o argumento geral de que, em Bergson, não se vislumbra o “sentido” ou o “conteúdo determinado da experiência”: “O psicólogo clássico se desinteressa do conteúdo determinado de fatos psicológicos por considerá-los de um ponto de vista formal, enquanto representativos de uma noção de classe, como sensação, imagem, emoção, vontade, e por não estudar então senão essas noções de classe, e falar em seguida, não de acontecimentos psicológicos em sua determinação individual, mas de estados psicológicos em geral – não parece que Sr. Bergson tenha jamais se colocado em um outro ponto de vista do que aquele do formalismo. Que ele estude a memória, o sonho ou o trabalho intelectual, que ele emita teorias sobre os estados normais ou os estados patológicos, ele se coloca sempre no ponto de vista formal – e os dados imediatos da consciência eles próprios são formais, porque a heterogeneidade qualitativa e a duração são generalidades a respeito de todos os nossos estados psicológicos: elas concernem à maneira geral com a qual é preciso compreender a vida psicológica e não o conteúdo determinado desta vida” (POLITZER, 1946, p. 18). É por meio de uma falsa concepção do concreto que Bergson se determinou como principal representante da ideologia psicológica.

<sup>3</sup> Politzer apresenta muitas vezes o argumento geral de que, em Bergson, não se vislumbra o “sentido” ou o “conteúdo determinado da experiência”: “O psicólogo clássico se desinteressa do conteúdo determinado de fatos psicológicos por considerá-los de um ponto de vista formal, enquanto representativos de uma noção de classe, como sensação, imagem, emoção, vontade, e por não estudar então senão essas noções de classe, e falar em seguida, não de acontecimentos psicológicos em sua determinação individual, mas de estados psicológicos em geral – não parece que Sr. Bergson tenha jamais se colocado em um outro ponto de vista do que aquele do formalismo. Que ele estude a memória, o sonho ou o

não pretende analisá-los. O mesmo ocorre com o termo “fatos psicológicos” e a “introspecção”. A ideia de “drama” não é eternizada. As construções teóricas de Freud são geradas por fatos concretos tal como a abstração permitiu fazê-las, mas não há sobre cada uma dessas construções uma descrição explanadora no caminho inverso. Mais vezes evitar-se-ão “explications”<sup>4</sup>, ou explicações do ponto de vista abstrato. Os desenvolvimentos serão achados por quem fizer o esforço de reflexão pessoal, diz Politzer. Mas, de fato, esse seria o tomo I dos Matériaux; então esses são uns dos escritos preliminares ao projetado e não realizado *Essai critique sur les fondements de la psychologie*. Os Matériaux mesmos ficaram incompletos.

Se, por exemplo, não desenvolvemos a ideia de significação e a de drama até o ponto em que sua dualidade, um pouco embaraçosa no presente escrito, cedesse lugar a uma concepção clara das suas relações, é porque os elementos desse desenvolvimento pertencem já ao tomo II dos Matériaux, o qual tratará da Gestalttheorie. Pela mesma razão, não aprofundamos a ideia de forma, embora nos sirvamos dela algumas vezes (POLITZER, 1998, p. 34).

A novidade da abordagem fica assim patente, para Politzer, quando ele tem em vista a literatura psicológica francesa. Se se trata de expor a psicanálise em termos de Gestalt e behavior, Politzer diz que não tinha nada ainda muito claro nesse sentido; e preferia explicar com clareza nos outros escritos que viriam sua posição sobre a Gestalttheorie e o behaviorismo.

Como a novidade de Politzer, segundo ele mesmo, é a sua orientação, as fórmulas podem não estar adequadas, e os escritos talvez não sejam inteiramente “originais”. Para ele, “trata-se essencialmente de apresentar os problemas de tal maneira que a discussão, sem nunca poder voltar a essa psicologia que não deve mais existir senão para o historiador, possa partir de uma nova base e seguir um plano renovado” (*Ibidem*, p. 35), assim ele enuncia a sua orientação no seu Preâmbulo.

O texto da Introdução começa pela questão mais geral sobre que existência as ciências têm, uma discussão que Politzer sempre fez. Repetidamente vamos encontrar essa discussão mais geral sobre as ciências quando se tratar de verificar a fundamentação da psicologia; o caso dela merece uma confrontação das suas etapas históricas em cinquenta anos de existência, no sentido de mostrar quão desgastante foi o seu processamento histórico, para que atualmente pudesse-se dizer que ela

---

trabalho intelectual, que ele emita teorias sobre os estados normais ou os estados patológicos, ele se coloca sempre no ponto de vista formal – e os dados imediatos da consciência eles próprios são formais, porque a heterogeneidade qualitativa e a duração são generalidades a respeito de todos os nossos estados psicológicos: elas concernem à maneira geral com a qual é preciso compreender a vida psicológica e não o conteúdo determinado desta vida” (POLITZER, 1946, p. 18). É por meio de uma falsa concepção do concreto que Bergson se determinou como principal representante da ideologia psicológica

<sup>4</sup> Acatamos a sugestão do parecerista, nesse sentido citado: “Na versão francesa, quando Politzer se refere ao procedimento fundamental da psicologia clássica - que é a Abstração - ele diz que tal procedimento opera a partir de uma ‘explication’. Ainda que a edição da UNIMEP utilize em diferentes momentos os termos ‘explicação’ e ‘explanação’ para referir-se ao mesmo procedimento que é a ‘explication’ abstrata, acredito que seja importante colocar o termo em francês, entre parênteses, no corpo do texto, na primeira vez em que este termo é mencionado no presente artigo.”

estava combatida. Sendo que a “filosofia da ciência” e as ciências mesmas devem dar conta do fato moderno da extinção e da criação de ciências, mostram-se constantemente resistências em constatar a falência de uma ciência e em admitir novas criações teóricas. Era também esse precisamente o caso da psicologia no início do século XX (*Cf. Ibidem*, p. 37). Essa falência da psicologia precisamente é o fato contemporâneo a Politzer. E ele quer dizer aos psicólogos que sua ciência não se constituiu nos cinquenta anos em nenhuma forma senão desse modo muito conhecido da psicologia oficial, mas que sua tentativa de reconstituição estava sendo a sua dissolução, bem entendido, o que houve, de fato, eram expectativas constantemente frustradas, pesquisas perdidas, apostas no futuro sem fundamento, pactos do que são os campos da psicologia, sem entretanto unanimidade, falsa postura justificadora da sua posição científica, que, entretanto, conjunturalmente, permitia abrigá-los em uma forma cientificamente falsa perante à sociedade (*Cf. Ibidem*). A psicologia oficial apesar do seu espírito científico, de suas técnicas que emulam cientificidade, não chegou a resultados concretos (*Cf. Ibidem*, p. 37-38).<sup>5</sup>

A psicologia é uma promessa que se abrigou ideologicamente na cultura científica europeia (*Ibidem*, p. 38). A história de cinquenta anos da psicologia se explica pela sua criação histórica, pelo seu cotidiano oficial, pela sua expectativa de novos objetos e novas fundamentações, pela sua dissolução de seu objeto fundamental abstrato, pela sua necessidade de encontrar a sua verdade própria com expectativa que se direcionam a todos os lados, e pela sua crítica, que não havia encontrado o termo (*Cf. Ibidem*). A história é mais ou menos essa descrita nessa Introdução da obra de Politzer: o máximo atingido foi a introdução da metodologia, ou a possibilidade de manutenção de um objeto já velho e falseado, ou seu máximo foram as descobertas objetivas, contudo com déficits de objetividade, ou o retorno à introspecção, ou a descoberta dos objetos do organismo humano de abordagens originais, etc. (*Cf. Ibidem*). A psicologia espera resultados de todos os lados, a cada vez que surge uma novidade. O psicólogo também sabe a que se opor, e tem seu método e seu objeto (sempre novos) (*Cf. Ibidem*, p. 38-39). Havia uma impotência do método científico que estava nas mãos dos psicólogos, eles, por um fracasso objetivo de sua ciência, deixavam que reentrassem as ciências arcaicas no seu contexto, reentrasse a escolástica, bem entendido (*Ibidem*, p. 39). Essa é a

---

<sup>5</sup> “De todo modo, a psicologia oficial deve seu nascimento a inspirações opostas às únicas que podem justificar sua existência [Politzer faz crítica da existência institucional da ciência psicológica de sua época, autor]; mais grave ainda, ela se alimenta exclusivamente dessas inspirações. Com efeito, e para dizê-lo em termos realistas, [a teoria da psicologia oficial] só representa uma elaboração nocional da crença geral nos demônios, isto é, por um lado, da mitologia da alma, e por outro, do problema da percepção, tal como se apresenta à filosofia antiga. Quando os behavioristas afirmam que a hipótese da vida interior representa um resto de animismo, divisam perfeitamente o verdadeiro caráter de uma das tendências cuja fusão deu origem à psicologia atual. Aí está uma história muito instrutiva, mas cujo relato ultrapassa os limites deste estudo” (POLITZER, 1998, p. 44)

verdadeira concomitância da psicologia à metafísica, a despeito das formas históricas da psicologia; muito próximas em um sentido humilhante aos psicólogos e, não como eles desejaram, no sentido da superação da metafísica pela psicologia. Veja-se.

Isso explica o fato, hoje reconhecido, de que todas as psicologias “científicas” que se sucederam desde Wundt não passam de disfarces da psicologia clássica [elas são a psicologia clássica ainda, autor]. A diversidade de tendências só representa os sucessivos renascimentos dessa ilusão que consiste em crer que a ciência pode salvar a escolástica. Pois, em todos os fatos, fisiológicos ou biológicos, de que se apossaram, os psicólogos só procuraram isso. É também o que explica a impotência do método científico nas mãos dos psicólogos (*Ibidem*).

Ainda que se haviam de desenvolver todas as ciências, o encontro moderno do método para elas já havia sido favorável a cada um dos desenvolvimentos de ciências particulares; mas, no caso da psicologia, bastou avançar-se (em relação à psicologia da alma) um passo, para que o conjunto se apresentasse tão disforme que podia ser constatada uma fragilidade total da inserção de uma metodologia em psicologia e se manifestasse o seu apego particular à metodologia tradicional de análise nocional da metafísica. A tentativa “numérico-quantitativa” da psicologia tampouco obteve sucesso, antes representou outras das humilhações das pesquisas em psicologia, último extrato científico desse ponto de vista “numérico-quantitativo”. Então, há dois critérios de que a psicologia tenta dar conta sem sucesso científico real, o uso da matemática e a metodologia experimental – tanto falham que o psicólogo tem que se tornar mesmo um “estúpido” (*Ibidem*). A originalidade quantitativa cabe à matemática, como a originalidade experimental cabe ao físico, e há seriedade na fisiologia. Mas há queda gradativa do espírito científico. “Entenda-se: os psicólogos são tão cientistas como os selvagens evangelizados são cristãos” (*Ibidem*, p. 39-40). Definitivamente, não há mais espaço legítimo por essa via à psicologia. Contudo, outras vias se abriram. É isso que ele diz do behaviorismo de Watson, nesse contexto:

A negação radical da psicologia clássica, introspeccionista ou experimental, encontrada no behaviorismo de Watson, é uma descoberta importante. Significa, precisamente, a condenação desse estado de espírito que consiste em crer na magia da forma sem compreender que o método científico exige uma radical “reforma do entendimento” (*Ibidem*, p. 40).

Houve um contexto de “reforma do entendimento”, pois não é possível “transformar a física de Aristóteles em física experimental” (*Ibidem*), é preciso essa compreensão e uma base para confiar nos aperfeiçoamentos do futuro. Isso implica de toda maneira uma exigência de uma nova ciência psicológica, estávamos tendidos diante desse paradoxo, qual seja: “A história da psicologia nos cinquenta últimos anos não é, portanto, como se costuma afirmar no início dos manuais de psicologia, a história de uma organização, mas a de uma dissolução” (*Ibidem*). Essa é a fórmula de Politzer que explica o destino da “abstração” e do “abstrato” na cultura ocidental. E ele prognosticou que:

Daqui a cinquenta anos, a psicologia autenticamente oficial de hoje aparecerá como aparecem agora a alquimia e as fabulações verbais da física peripatética. Brincar-se-á ainda com as fórmulas retumbantes

pelas quais se iniciaram os psicólogos “científicos” e com as penosas teorias a que chegaram; com esquemas estatísticos e esquemas dinâmicos, e a teologia do cérebro constituirá um estudo divertido, como a teoria antiga dos temperamentos – logo, porém, tudo será relegado à história das doutrinas incompreensíveis e estranhar-se-á sua persistência, como se faz hoje com a escolástica (*Ibidem*).

Foi exatamente aqui que chegamos? Isso exige uma longa avaliação histórica, que tem que contar com a descrição do destino da psicologia e da psicanálise. Politzer nos deu um critério para avaliar o progresso, o critério do concreto, ou da dissolução específica da ontologia dualista histórica ocidental. “Compreender-se-á, então, o que parece incrível agora, que o movimento psicológico contemporâneo não é senão a dissolução do mito da dupla natureza humana” (*Ibidem*). Desse modo, está dado o novo ponto de partida da fundamentação da psicologia como ciência positiva (nós vimos como ele foi elaborado em nossa tese de doutorado, tem que ser observada também essa face positiva da ciência que Politzer desenvolve a partir das suas negações determinadas, suas contradições frente ao clássico). Ele diz, nesse contexto da Introdução, que cada etapa crítica da dissolução se verá no seu texto, e todas as articulações clássicas ficarão evidentes (pode-se afirmar que isso ocorre na totalidade quando Politzer considera a relação entre a psicologia e a psicanálise freudianas) (*Cf. Ibidem*, 40-41). Pois bem, esse respeito para com a metodologia sustenta pela última vez a mitologia, ou o caráter mitológico da ciência psicológica e seu objeto. Ele diz mesmo, ainda no parágrafo oito da Introdução, que a mitologia já produziu o máximo que podia de tensões que a sustentassem, e que foi um caso semelhante que conduziu Kant a escrever a Crítica da Razão Pura; mas agora em um caso pior, trata-se aqui de um retorno ainda escolástico de “discussões nocionais sobre um mito” (*Cf. Ibidem*, p. 41). O tema se repete, já algumas vezes, abordando a obra de Politzer, verificávamos que, para ele, a psicologia clássica é a elaboração nocional de um mito, de Aristóteles a Bergson. Portanto, reconhecer este ponto tem que sair mais do que mostrar que a literatura psicológica é uma balança que mostra “ora o fracasso da psicologia subjetiva, ora o da psicologia objetiva”; as críticas “preconizam periodicamente o retorno da tese à antítese e da antítese à tese” (*Ibidem*). É preciso criar uma grande evidência, que liquide o que tem sido a psicologia até então. Essa grande evidência não foi dada pelo método objetivo, mas pela tábua rasa que significou o behaviorismo de Watson. Mas seus seguidores acharam que não havia saída, e retornaram à psicologia introspectiva, ou ao “behaviorismo não-fisiológico”, tradução em termos de behavior das noções da psicologia clássica. Trata-se de uma nova forma de ilusão de objetividade. “O behaviorismo apresenta, então, o seguinte paradoxo: para afirmá-lo sinceramente é preciso renunciar a desenvolvê-lo e, para desenvolvê-lo, é preciso renunciar a sua afirmação sincera; o que, então, despoja-o de toda razão de ser” (*Ibidem*, p. 42). Entretanto, houve aí uma verdade iniludível apesar do encobrimento recalcitrante. “A verdade do behaviorismo é constituída pelo reconhecimento do caráter mitológico da psicologia clássica e a

noção de behavior só é válida quando considerada no seu esquema geral, anteriormente à interpretação que os watsonianos e os outros lhe dão” (*Ibidem*). Essa interpretação tinha evidenciado que: “Cinquenta anos de psicologia científica só conseguiram chegar à afirmação de que a psicologia científica está apenas começando” (*Ibidem*). Este era o fato que se redespontava para Politzer. “Psicologia objetiva clássica” é essa que chegou a esse resultado. Ela é uma homenagem da ciência da natureza ao gosto da época, da psicologia introspectiva, bem entendido. Se a filosofia e a metafísica pretenderam, sem enganar ninguém, fazer-se experimentais, a psicologia enganou. Entre as direções subjetivas e objetivas, recomeçava-se em outra direção assim que se chegava ao absurdo de um dos lados. Mas os princípios são os mesmos.

Eis por que esses pesquisadores, a quem o método científico devia dar asas, sempre estiveram atrasados em relação aos psicólogos introspeccionistas, pois enquanto os primeiros ocupavam-se em formular “cientificamente” as ideias dos últimos, esses nada mais tinham a fazer a não ser reconhecer as próprias ilusões (*Ibidem*).

Daí a psicologia experimental reconhecer ser vazio e a psicologia introspeccionista continuar com “suas maravilhosas promessas” (*Ibidem*). Mas agora surge a indicação de uma “direção realmente fecunda”, daqueles que abandonam a fisiologia das sensações, os laboratórios e o “devir movente da consciência” (*Ibidem*). Há uma visão clara dos erros da psicologia. Como a nova psicologia se posiciona? “É o tronco que ela irá atacar”, ela se subtrai a essas tendências clássicas subjetivas e objetivas, “a ideologia central da psicologia clássica” – não significa, contudo, que é questão de condenar tudo, mas a nova psicologia dá a sua verdadeira significação – é da ideologia da vida interior, mesmo matizada com o experimentalismo, que se faz a crítica, afinal urge constatar que a ciência psicológica não tem uma forma falsa, mas a ciência é falsa inteira. “... pois é a própria ciência que é falsa”, mas pode ser que encontre uma verdadeira, quem sabe? “A comparação da psicologia com a física de Aristóteles não é totalmente exata, pois nem é dessa maneira que a psicologia é falsa, mas à maneira das ciências ocultas, [Poltzer a rebaixa] o espiritismo e a teosofia que, também, simulam uma forma científica” (*Ibidem*, p. 43). De novo é “a vida dramática do homem”, sem ressonâncias românticas, que vai servir de desempate à nova psicologia. Ela é contrária aos preconceitos sobre a vida biológica do homem, ao fato biológico no homem da vida. A “vida dramática” deve ser estudada como objeto da psicologia, tem todas as características de um objeto científico particular; “é em nome dessa possibilidade que ela deveria ser estudada” (*Ibidem*), qual seja: a possibilidade de um objeto psicológico. Tem-se que considerar os documentos literários que testemunham essa possibilidade. Há uma sabedoria literária desse objeto. Sem segredo, pode ser adiantado, como o fizemos em outros contextos, nos capítulos da tese, que é o drama o objeto da verdadeira psicologia concreta. Beletristas teriam misturado o drama e uma ciência da alma baseados

neste polo da “ciência da alma”, no que foram mal. O quadro é o já anunciado antes: “Com efeito, e para dizê-lo em termos realistas, [a teoria da psicologia oficial] só representa uma elaboração nocional da crença geral nos demônios” (*Ibidem*, p. 44). A descrição da alma vem de Aristóteles e se confunde com atitudes e saberes escolásticos de camadas retórico-lógico-filosófico-históricas e com a mitologia e a teologia cristãs. Assim como as definições modernas estiveram em apego com o idealismo da modernidade, que buscou desbarbarizá-las (*Cf. Ibidem*). Essa referência ao idealismo merece ser me tida em conta porque avança a perspectiva politzeriana como um todo, quer dizer, os alemães metafísicos tentaram criar um campo próprio, mas esse não pode ser mais o campo da psicologia; campo que vinha do choque do idealismo metafísico alemão com a noção de alma e a metafísica clássica de Aristóteles; bem entendido, há uma insuficiência clássica da psicologia. Por mais que se amalgamassem questões de diversas tecnologias de saber, o problema vinha pelo menos desde esses metafísicos alemães, dir-se-ia, então, que a cultura alemã, afeita ao espírito, seria aquela que validou um novo conteúdo; mas a crítica veio logo, da parte de Kant (e isso remonta à ideia inicial de nossa tese de doutorado): “A crítica kantiana da ‘psicologia racional’ deveria ter arruinado definitivamente a psicologia” (*Ibidem*, p. 44-45). Nós observamos, no começo de nossa tese, como a crítica da psicologia racional indicou um caminho a Politzer. É contra a influência do cristianismo na psicologia que o argumento de Politzer se volta principalmente. Há uma transição específica dessa teologia cristã à ideologia burguesa, que é o fiel do idealismo de sua ontologia, no contexto avançado do início do século XX.

O culto da alma é essencial para o cristianismo. O antigo tema da percepção jamais teria sido suficiente para gerar a psicologia: é da religião que lhe vem a forma. Uma vez constituída em tradição, a teologia da alma sobreviveu ao cristianismo e continua vivendo dos alimentos comuns a todas as escolásticas. O respeito de que conseguiu se cercar, graças ao disfarce científico, permitiu-lhe vegetar mais um pouco e, graças a esse artifício, conseguiu sobreviver a si mesma (*Ibidem*, p. 45).

É a base clássica que é questionada, ela é teológica. Trata-se de uma luta sem ainda final, portanto. A ideologia burguesa a adaptou, numa tentativa que deveria ser eterna. Observa-se a gravidade da tematização de Politzer. Que se veja o modernismo adaptativo da tese: “Mas seria errado afirmar que a psicologia clássica alimenta-se apenas do passado. Pelo contrário, ela conseguiu alcançar certas exigências modernas: a vida interior, no sentido ‘fenomenista’ da palavra, afinal conseguiu tornar-se um ‘valor’” (*Ibidem*). É a religião que está aqui de novo, ou a ideologia burguesa:

A ideologia da burguesia não teria sido completa se não tivesse encontrado a sua mística. Após diversas tentativas, ela parece tê-la, enfim, encontrado: na vida interior da psicologia. A vida interior convém perfeitamente a esse destino. Sua essência é a mesma da nossa civilização, a saber, a abstração: só implica a vida em geral e o homem em geral, e os “sábios” atuais são felizes de herdar essa concepção aristocrática do homem com um maço de problemas de alto luxo (*Ibidem*).

Olhe-se a abstração aqui, quem questionou esses problemas em conjunto e apostou no seu questionamento foi Politzer. Para ele, havia a religião da vida interior, melhor ideologia para quem, como proprietário de meios de produção, pudesse legitimar amplamente, socialmente, seu poderio, em uma sociedade de indivíduos que se desconhecem (*Cf. Ibidem*, p. 45-46). Podemos dizer que há certa concomitância com o texto da Introdução à *L'Esprit*, no sentido que há uma mesma verificação sobre a falsidade da abstração frente ao espírito; se lá a falsidade da abstração era verificada em relação ao espírito, aqui na Crítica a falsidade é verificada frente à ciência – mas vê-se como a crise mais geral é a do espírito, quer dizer da sabedoria – então há esse dispêndio da “gula das qualidades”, a despeito da “compreensão da verdade”. Aqui voltam a se apresentar as “filosofias da consciência”, que atrelam a ciência e a sabedoria em uma só decadência, de uma grande tentativa histórica malograda. O parágrafo dezesseis está dizendo então:

Portanto, a psicologia clássica é duplamente falsa: falsa perante a ciência e falsa perante o espírito. Quantos não se alegrariam por nos ver sozinhos com nossa condenação da vida interior! Que prazer teriam em nos mostrar as “bases científicas” da falsa sabedoria! Todas essas “filosofias da consciência” que fazem malabarismo com as noções emprestadas da psicologia, todas essas sabedorias que convidam o homem a aprofundar-se, quando se trata exatamente de obrigá-lo a sair da sua forma atual, todas elas poderiam ter continuado a ver com grande satisfação a afirmação da legitimidade do seu procedimento fundamental na psicologia. Mas as duas condenações encontram-se. A falsa sabedoria seguirá no túmulo a falsa ciência: seus destinos estão ligados e elas morrerão juntas, porque a abstração morre. A visão do homem concreto expulsa-a dos dois campos (*Ibidem*, p. 46).

Porém, de fato, existem aí duas condenações necessárias, e a condenação da psicologia tinha outros intérpretes constatadores, e Politzer admite não ser apenas ele que julga essas referidas condenações históricas. Mas ele mesmo teria realizado a parte final da história que culmina com essa condenação, apesar de ser, reforce-se, mesmo uma corrente histórica que vem desde antes que levou a psicologia a esse sem-saída. É preciso então fazer a separação material em duas condenações, e atacar sobre a dissolução da psicologia clássica, até onde essa dissolução prenuncia a nova psicologia. E há três casos a se considerar deste ponto de vista (psicanálise, behaviorismo e Gestalttheorie). Isso foi esboçado por Politzer nos textos que vimos no primeiro capítulo de nossa tese, mas essas três novas formas da psicologia são importantes pelo ponto de vista crítico, por menores que sejam os tópicos psicológicos que introduzem (na verdade, ver-se-á que o pouco de deslocamento crítico que as três tendências introduzem muda todo o cenário da psicologia).

Grande é o valor da Gestalttheorie, sobretudo do ponto de vista crítico: ela implica a negação do procedimento fundamental da psicologia clássica, que consiste em desfazer a forma das ações humanas para tentar, depois, reconstituir a totalidade que é sentido e forma, a partir de elementos insignificantes e amorfos. O behaviorismo consequente, o de Watson, reconhece o fracasso da psicologia objetiva clássica e traz, com a ideia de behavior, pouco importando a sua interpretação, uma definição concreta do fato psicológico (*Ibidem*).

Mas, como já vimos, é mesmo a psicanálise a mais importante das tendências. “É ela que nos faz ver claramente os erros da psicologia clássica e nos mostra, desde já, a nova psicologia em vida e em ação” (*Ibidem*, p. 46-47). Isso já foi mostrado em nossa tese, mas é aqui na Crítica que se verão os detalhes do posicionamento de Politzer frente à questão dos fundamentos da psicologia. Continuando a mostrar o novo cenário, Politzer escreve: “Ao mesmo tempo em que elas contêm a verdade, essas três tendências encerram o erro sob três aspectos diferentes e, por isso mesmo, conduzem seus discípulos por vias que afastam mais uma vez a psicologia da sua direção verdadeira” (*Ibidem*, p. 47). Há, portanto, uma derradeira necessidade histórica que configura o problema da possibilidade de uma ciência psicológica positiva. Qual é o cenário triplo? Politzer lista criticamente:

A Gestalttheorie, no sentido amplo da palavra (incluindo Spranger), entrega-se, por um lado, como Spranger, a construções teóricas e não parece, por outro, poder libertar-se das preocupações da psicologia clássica. O behaviorismo é estéril e recai na fisiologia, na biologia, até mesmo na introspecção mais ou menos disfarçada, em vez de esquecer realmente tudo para esperar apenas pelas surpresas da experiência. Por seu lado, a psicanálise viu-se tão sobrecarregada pela experiência que, enfim consultada, só queria falar, não teve tempo de dar-se conta de que esconde em seu seio a velha psicologia, que ela tem por missão suprimir, e alimenta com sua força um romantismo sem interesse e especulações que só resolvem problemas ultrapassados (*Ibidem*).

De fato, esse quadro era o das suas repercussões sociais, não é evidentemente aí que as questões e as contradições mais sérias estão expostas. Em geral, há uma certa timidez nessas outras tendências para corresponder integralmente à condenação que Politzer realiza. Mas é delas mesmas que surgem negações determinadas para o surgimento da psicologia positiva. Não há, entretanto, como conciliar essas contradições que aparecem no trato das novidades psicológicas das tendências. O quadro (ele diz aqui também) é semelhante às reflexões sobre a fraqueza do entendimento humano, no contexto em que Kant escreveu a Crítica da Razão Pura (*Ibidem*). As considerações metodológicas se repetem nesta introdução. Politzer prefere ousar e ser sujeito a erro a encompridar o trajeto da ciência em manifestações que não se explicitam de todo (*Cf. Ibidem*, p. 47-48). Vê-se assim que sua dialética se desdobrou até onde lhe foi possível, dado o estado dos preconceitos embutidos em um ocidental qualquer, seja pela metafísica, seja pela psicologia. Mas a crítica consiste em desmontar evidências arraigadas na cultura. Veremos os postulados constantes das teorias psicológicas históricas e presentes no tempo de Politzer. Os postulados eram próximos de insuperáveis, e mesmo indo à base das teorias, as dificuldades não deixavam de aparecer quando se referiam às evidências. “Isso tampouco está isento de dificuldades. A cada passo surgirá dúvida quanto ao direito de livrar-se de tal evidência ou de determinado problema” (*Ibidem*). A questão ela mesma é uma questão criticista sobre a sensibilidade tornada natural.

Mas em momento algum se deve esquecer que nossa “sensibilidade” é falseada, e que só prosseguindo poderemos adquirir uma visão justa que nos permitirá reconhecer o que deve ser salvo, e veremos, então, como as evidências que, de perto, parecem incontornáveis não o são quando olhadas à distância (*Ibidem*).

Isso coloca a questão crítica da nova perspectiva, que deve realizar a “liquidação da psicologia clássica”. Ainda que esse radicalismo concorresse para um projeto mais amplo não realizado, alguma coisa desse teor vai ficar na obra. Qual era esse projeto maior? Politzer nos explica o que se refere a cada uma das tendências e também como é o projeto: “Serão estudos preliminares que devem preparar a própria crítica, esclarecê-la no plano das suas articulações e fornecer-lhe as peças constitutivas; esses estudos formarão os Matériaux pour la Critique des Fondements de la Psychologie” [nota de Politzer: “Os Matériaux devem ser apresentados em três volumes. Depois deste, haverá um volume sobre a Gestalttheorie, com um capítulo sobre a fenomenologia; o terceiro tratará do behaviorismo e das suas diferentes formas, com um capítulo sobre a psicologia aplicada] (*Ibidem*). Este plano foi, aqui neste volume, muito bem esboçado. Há mais, ele diz: “A crítica em si, em que o problema que acabamos de expor será tratado em si e sistematicamente, deve figurar no Essai critique sur les fondements de la psychologie, o qual virá depois dos Matériaux” (*Ibidem*, p. 48-49). Então há o que ler na Crítica um material de caráter preparatório, que contudo se tornou definitivo. Não é possível discutir os pretendidos desdobramentos. Ele disse que:

Esse caráter preparatório e, conseqüentemente, provisório do Matériaux jamais deve ser esquecido; eles ainda não contêm a crítica, representam apenas os primeiros instrumentos, ainda toscos, com os quais serão forjados os instrumentos apropriados (*Ibidem*, p. 49)

Esses são os Matériaux, mas se tornaram toda a Crítica dos fundamentos da psicologia. Este grande esboço é uma pesquisa sobre a percepção de que na psicanálise há um grande avanço para os assuntos psicológicos. Politzer vai explicitar um pressentimento nada ingênuo, porque percebe boa parte da verdade da crise e da solução da crise da psicologia nas teses da psicanálise e no que há para se dizer sobre seus procedimentos analíticos.

No que nos diz respeito, é refletindo sobre a psicanálise que percebemos a verdadeira psicologia. Isso poderia ter sido um acaso, mas não o é, pois só a psicanálise pode, hoje e de direito, dar a visão da verdadeira psicologia, por ser, e só ela, a sua encarnação (*Ibidem*).

Nós devemos ver que Politzer em outro momento separará a psicanálise e a psicologia.

Os Matériaux devem, portanto, começar pelo exame da psicanálise: tratar-se-á, buscando o ensinamento que a psicanálise comporta para a psicologia, de obter esclarecimentos que nos permitirão não esquecer o essencial no exame de outras tendências (*Ibidem*).

Adiantemos que a verificação da abstração também na psicanálise é que fornecerá o modo de saída desse longo esboço. Mas é preciso fazer uma longa análise, por vezes contando uma longa história (*Cf. Ibidem*, p. 49-50). Freud era tido como psicólogo da Representação. Esta era uma conclusão. Há outra conclusão, dos adeptos. Adiante-se que para Politzer a teoria da libido, equilibrando-se com a noção de desejo, pode encontrar uma versão metafísica na psicologia dos adeptos de Freud, e não é mesmo somente pela teoria da sexualidade que a psicanálise revoluciona,

mas bem mais pela atenção que a psicanálise dá ao discurso do paciente para realizar análises. Isso foi revisto na tese. Politzer diz dos adeptos:

No que, por outra parte, diz respeito a seus adeptos, só veem na psicanálise libido e inconsciente. De fato, Freud é para eles o Copérnico da psicologia, por ser o Cristóvão Colombo do inconsciente e, de acordo com eles, longe de reviver a psicologia intelectualista, a psicanálise liga-se, pelo contrário, a esse grande movimento que se esboça a partir do século XIX e que enaltece a importância da vida afetiva; com a teoria da libido, com a primazia do desejo sobre o pensamento intelectual, enfim, com a teoria do inconsciente afetivo, a psicanálise é o coroamento desse movimento todo (*Ibidem*, p. 50).

Mas a verdade é que a psicanálise não é a evolução da psicologia clássica, em que esta se dilata para abarcar tantas novas matérias, mas “revolução copernicana” mais importante do que se imagina (*Cf. Ibidem*). Então há uma revolução psicanalítica e outra, pressentida, com base no behaviorismo. Os psicanalistas colaboram com seus adversários por uma “fixação” histórica da psicologia clássica, e a psicanálise mesma tem suas fixações. Mas os psicólogos ao acusarem as fixações da psicanálise e admitindo sua novidade em outro aspecto, denunciaram a própria abstração da psicologia clássica, e o que há de fato na psicanálise é uma inspiração totalmente diversa: “cada passo dado em direção da compreensão da orientação concreta da psicanálise tem, em contrapartida, a revelação de um procedimento constitutivo da psicologia clássica” (*Ibidem*, p. 51). Vê-se a dialética complexa da perspectiva de Politzer, ele afirma a incompatibilidade entre a inspiração fundamental da psicanálise e a psicologia clássica. Ele especifica que sua análise de como se constitui a psicanálise consiste em um estudo da teoria freudiana do sonho, já que para Freud a psicanálise se baseia na teoria do sonho (*Cf. Ibidem*).

### Referências bibliográficas

POLITZER, G. *Crítica dos fundamentos da psicologia. A psicologia e a psicanálise*. Tradução de Marcos Marciolino e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Piracicaba: UNIMEP, 1998.

\_\_\_\_\_. *Le bergsonisme: une mystification philosophique*. Paris: Éditions Sociales, 1946.

\_\_\_\_\_. *Écrits 2. Les fondements de la psychologie*. Paris: Éditions Sociales, 1969.